

## A ORDEM DE CISTER E O MOSTEIRO DE CLARAVAL (EXEMPLO DE ESPIRITUALIDADE MONÁSTICA)

*Paulo Paranhos<sup>1</sup>*

**Resumo:** *A Ordem de Cister, fundada no século XI, tem sido, ao longo dos séculos, um sustentáculo da fé baseada na Regra de São Bento. Disseminadas pelo mundo inteiro, as abadias são verdadeiros exemplos de trabalho, dedicação e contemplação, como o que constatamos no Mosteiro de Claraval, no sudoeste do estado de Minas Gerais, que tem como premissa básica manter a tradição beneditina de acolhimento.*

**Abstract:** *The Cistercian Order, founded in the 11th century, has been, over the centuries, a mainstay of the faith based on the Rule of St. Benedict. Disseminated throughout the world, the abbeys are true examples of work, dedication and contemplation, such as what we see in the Monastery of Claraval, in the southwest of the state of Minas Gerais, whose basic premise is to maintain the Benedictine tradition of welcoming.*

### **A origem dos cistercienses**

Na gênese da Ordem de Cister (ou *Citeaux*, na língua francesa) aparecem importantes nomes da Igreja no século XI e, dentre eles, deve ser destacado o de Robert de Champagne, abade do mosteiro de Molesme, que fora por ele fundado em 1075. Esse abade deixou a congregação monástica de Cluny (à qual se subordinava o mosteiro), juntamente com outros monges, para retomar a observância da antiga regra beneditina, uma vez que grande parte da comunidade cluniacense havia abandonado os rigores e a simplicidade da regra da Ordem de São Bento, da qual eram, até então, rigorosos seguidores. A verdade é que alguns monges deixaram-se atrair pelos negócios do mundo secular, abandonando o trabalho manual (confiando o mesmo a servos), passando a se dedicarem com mais constância ao recebimento de dízimos e direitos feudais, aproveitando-se da excepcional localização de Cluny - caminho direto ao santuário de Compostela, no norte da Espanha – além de verem crescer, sensivelmente, a riqueza da abadia através das generosas doações do duque de Borgonha e do conde de Troyes, o que a fez passar de uma pobreza extrema a um estado de riqueza e de prestígio

<sup>1</sup> Paulo Paranhos é historiador, museólogo, membro do Instituto Genealógico do Sul Mineiro e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

tamanhos a ponto de ser escolhida, em 1084, sede das assembleias feudais.

Rememorando: na primeira metade do século VI, na Itália, São Bento editou uma regra que era a síntese do Evangelho e da tradição monástica anteriores. Essa regra se caracteriza pelo equilíbrio comum e pessoal, trabalhos manuais e leitura orante. Segundo ela, o mosteiro (no qual os monges vivem em comunidade) e a escola do serviço divino deveriam ser conduzidos pelo caminho dos mandamentos de Deus.

No tempo em que os papas não eram eleitos, mas sim nomeados pelo antecessor, Bento prescreveu que o abade fosse escolhido por eleição. A Regra chamava a atenção para o fato de que, na vida do mosteiro, cada coisa deve estar em seu lugar, e que a oração, o trabalho e o descanso devem ser distribuídos em um equilíbrio harmonioso.

São Bento não atribuiu aos monges outra finalidade que não fosse a própria de toda vida cristã: a busca de Deus, a posse de Deus, a volta para Deus, fim último e supremo da felicidade do homem. O caminho para se atingir esse fim consistia em seguir a Cristo como o único necessário à luz e sob a guia do Evangelho, deixando sua compreensão e observância serem guiadas pela regra e pelo serviço de Deus.

Assim, em 1098 Robert deixou Molesme com vinte e um adeptos, entre eles Estêvão de Harding, seguindo para a localidade de Saint Nicolas-lès-Citeaux, onde passaram a viver estritamente de acordo com as regras de São Bento. Mudaram de hábito, passando da vestimenta negra para a branca e não mais empregaram servos para os trabalhos manuais.

Segundo Marcel Pacaut, historiador francês especialista em História da Igreja Medieval, *a origem dos cistercienses foi uma aventura bem-sucedida, um movimento como um evento local (a implementação de alguns monges de Champagne com o apoio dos duques) que ocorreu longe dos poderes e querelas monásticas*<sup>2</sup>. Ainda seguindo esse raciocínio, Pacaut entende que o contexto é conhecido e bem retratado: o cristianismo em expansão revela uma empresa cuja imponente aristocracia era o veículo principal, num terreno extremamente favorável e religioso. Assim, a regra de São Bento e os monges culminaram na realização de Cluny. No entanto, durante o século XI, sob a influência da presença endêmica da heresia, o ideal cristão incentivou o monaquismo<sup>3</sup>, destacando-se dos cluniacenses e, este clima de simplicidade, deu ensejo ao surgimento de Cister,

<sup>2</sup> *Les moines blancs. Histoire de l'ordre de Citeaux*, p. 205

<sup>3</sup> “O monaquismo cristão é a primeira e talvez a mais bem-sucedida forma de aculturação. Isto quer dizer que é o encontro da mensagem evangélica sobre a vida perfeita com uma tradição ascética várias vezes secular que exprime as aspirações mais profundas da alma humana criada à imagem de Deus. Neste encontro, esta tradição humana – enraizada num arquétipo humano – é enriquecida, e aí acha sua significação última; além disto, a mensagem cristã também é enriquecida de forma particular de expressão. Este encontro e este enriquecimento mútuo constituem a própria natureza da aculturação” (Armand Veilleux, OCSO, in: *As origens do monaquismo cristão* –www.ecclesia.org.br).

arauto de uma renovação monástica.

Cister inscreve-se no vasto movimento de retorno às autênticas fontes do cristianismo, que caracteriza a reforma da Igreja inaugurada pelo Papa Gregório VII; a fundação da Abadia de Cister<sup>4</sup>, o primeiro mosteiro cisterciense, foi financiada pelo duque de Borgonha, Eudes I. Assim é que com Robert, que se dispôs a levar avante a regra beneditina, num momento conturbado da Igreja de Cluny, outros nomes podem e devem ser assinalados nessa empreitada e que muito contribuíram para o seu bom êxito: Alberico e Estêvão, considerados cofundadores de uma das ordens religiosas mais vivas da Igreja, a dos cistercienses.

Alberico, por exemplo, obteve a concessão da proteção apostólica sobre Cister do Papa Pascoal II com a bula *Desiderium quod*, de 1100, que assegurava ao novo mosteiro absoluta independência de Molesme: *Ordenamos que o lugar que haveis escolhido como habitação em vista da paz monástica seja livre e ao abrigo de qualquer moléstia, da parte de qualquer pessoa, reconhecido como abadia e seja submetido sob a proteção da Sé Apostólica, salva a reverência devida à Igreja de Châlons*<sup>5</sup>.

Já Estêvão preocupou-se em conservar o espírito de renovação cisterciense, promovendo disposições a respeito da salvaguarda da pobreza e da quietude monástica. Assegurou, sobretudo, a união e a concórdia entre as abadias, substituindo a subordinação feudal pela liberdade na caridade e no princípio de subsidiariedade. Essas disposições foram descritas por ele, entre 1114 e 1118, em um documento-base chamado *Charta Charitatis* (Carta da Caridade), para muitos historiadores talvez a primeira carta constitucional europeia, e sobre o qual repousa a coesão da ordem, estabelecendo a legalidade entre os mosteiros afiliados, afirmando a observância da regra de São Bento e organizando a vida cotidiana, além de instaurar uma disciplina uniforme ao conjunto de abadias. Os cistercienses entendiam que o documento devesse ser denominado “Carta de Caridade”, porque o estatuto, rejeitando todo peso de exaustão, buscava unicamente a caridade e o bem das almas, quer nas coisas divinas, quer nas humanas.

Além de Estêvão e Alberico, o mosteiro de Molesme abrigou, por exemplo, monges como Bruno, nascido em Colônia e que mais tarde fundou um conglomerado de eremitérios nas montanhas de Chartreuse, dando origem a uma das mais rigorosas ordens monásticas, a dos Cartuxos. Outro nome que seria decisivo na Ordem Cisterciense foi Bernardo, como se verá adiante.

Com a saída de Robert e os desmandos dos monges que ficaram em Molesme, o final do século XI revelará a decadência daquela abadia, gerando uma *decisum* do Papa Urbano II ordenando para lá o retorno de Robert, deixando em Cister Alberico e Estêvão que contariam, a partir de 1112, com a ajuda de

<sup>4</sup> Em francês, *Abbaye de Cîteaux*.

<sup>5</sup> [www.mosteirodeclaraval.org.br](http://www.mosteirodeclaraval.org.br)

Bernardo que rejuvenesceu a Ordem, pois o mesmo deu início a um mosteiro cisterciense no Vale do Absinto, doado por Hugue de Champagne<sup>6</sup>, mudado o nome para Clairvaux (Vale da Luz).

Os monges cistercienses contribuíram profundamente na obra da civilização cristã da Europa com as suas fundações, com as obras de colonização, com técnicas avançadas em agricultura e no exercício dos vários trabalhos manuais. Semearam os benefícios da caridade sobre a população que vivia à sombra dos seus mosteiros com a construção de hospitais, asilos e obras de caridade. Contribuíram muito para o avanço da classe rural na Idade Média, conforme nos ensina Pierre Pierrard: *Pode-se considerar os cistercienses como os primeiros agricultores do século XII na França, nos Países Baixos, na Espanha, na Alemanha e até nos postos avançados da cristandade, entre os eslavos ou diante dos mouros*<sup>7</sup>.

Não restam dúvidas de que a Ordem Cisterciense aparece na Idade Média como uma das realizações mais marcantes do ideal monástico. Inclusive, a figura do Abade de Cister foi tão importante e tão respeitada na época que o mesmo participava com voz e voto no Parlamento de Borgonha.



### **Bernardo de Clairvaux**

Através da redação da *Charta Charitatis*, em complemento à regra de São Bento, Estevão - terceiro abade de Cister - estabeleceu que a autoridade suprema da Ordem seria exercida por uma reunião anual de todos os abades. Os mosteiros eram supervisionados pelo mosteiro-sede, em Cister, e pelos quatro mosteiros mais antigos da Ordem.

A Ordem teria um papel destacado na história religiosa do século XII, vindo a se impor em todo o Ocidente por sua organização e autoridade. Uma de suas obras mais importantes foi a colonização da região a leste do rio Elba, onde promoveu simultaneamente o cristianismo, a civilização ocidental e a valorização das terras agricultáveis. Além disso, com a restauração da regra beneditina, a Ordem Cisterciense deu impulso ao ascetismo, ao rigor litúrgico e relevou o trabalho como valor fundamental, conforme comprovam seus patrimônios técnico, artístico e arquitetônico.

A par do papel social que desempenhou até a Revolução Francesa, a Ordem exerceu grande influência no plano intelectual e econômico, assim como no campo das artes e da espiritualidade, devendo seu considerável desenvolvimento a Bernardo de Clairvaux, homem de excepcional carisma. Sua influência e seu

<sup>6</sup> Hugue de Champagne seria, mais tarde, um cavaleiro templário.

<sup>7</sup> *História da Igreja*, p. 104.

prestígio pessoal tornaram-no o mais célebre dos cistercienses. Embora não seja fundador da Ordem, continua sendo considerado como o seu mentor espiritual.

Bernardo de Clairvaux nasceu em 1090 em Fontaines-les-Dijon, e era abade da cidade do mesmo nome. Foi o pregador da 2ª Cruzada e o redator do estatuto dos Templários, que ajudaria a criar, sendo sobrinho de um dos fundadores da Ordem do Templo – André Montbard (5º Grão-Mestre da Ordem).

Em verdade, a história eclesiástica do segundo quarto do século XII (1123 – 1153) se compreende na pessoa carismática de Bernardo, pois *não houve de fato acontecimentos no qual Bernardo não tenha se interessado: Oriente e Ocidente, Igreja e sociedade laical, clero secular e regular sofreram a marca da sua genialidade: papas, bispos, reis, senhores feudais, camponeses, foram de diferentes modos repreendidos, moderados, agredidos como também confortados, exortados, encorajados, inflamados por este monge ardente e impetuoso, um verdadeiro enviado de Deus para livrar os homens da iniquidade e do vício, para tirá-los em seguida, direcionando-os ao caminho da mais alta espiritualidade cristã*<sup>8</sup>.

Bernardo é passado à História sobretudo pela ajuda e influência do seu pensamento, da sua experiência de místico que permeou toda a baixa Idade Média, uma vez que *as influências religiosas nestes tempos foram enormes; dele dependendo toda a mística da Idade Média e atingindo de mão cheia, uma elevada produção literária quase igual a Santo Agostinho*<sup>9</sup>.

A entrada de Bernardo para a Ordem de Cister foi o sinal de um desenvolvimento extraordinário para a mesma, pois com ele outros trinta jovens nobres de Borgonha o seguiram, entre os quais quatro de seus irmãos. Depois deles vieram outros, e, em tamanho número, que no ano de 1113 Cister foi capaz de erigir adiante a sua primeira colônia e encontraram a sua primeira filiação: La Ferté, na Diocese de Châlons. Em 1114 outra colônia foi estabelecida em Pontigny, na diocese de Auxerre. Em 1115 Bernardo fundou Clairvaux, na diocese de Langres. No mesmo ano, foi fundada uma abadia em Morimond, na mesma diocese de Langres. Esses foram os primeiros quatro frutos de Cister, mas, desses mosteiros, Clairvaux atingiu o mais alto desenvolvimento, tornando-se o exemplo para outros 68 mosteiros.

A figura de Bernardo sempre gerou contradição em muitos historiadores, senão vejamos: Georges Duby, um dos mais respeitados medievalistas, chamou Bernardo de “homem do século” e anotou que muitos não poderiam gostar dele, *um homem violento, descarnado, animado pelo furor de Deus, envolvendo-se numa luta de vida ou de morte contra Abelardo*<sup>10</sup>, *a quem derruba, fustigando a Cúria romana e a*

<sup>8</sup> [www.mosteirodeclaraval.org.br](http://www.mosteirodeclaraval.org.br)

<sup>9</sup> [www.mosteirodeclaraval.org.br](http://www.mosteirodeclaraval.org.br)

<sup>10</sup> Bernardo considerava Abelardo dialético demais, pondo em discussão a concepção de um Deus Uno, dissociando a Trindade, fato que não aceitava de forma alguma.

*sua propensão para as glórias temporais. Por outro lado, segundo o citado historiador, é Bernardo que lança as cruzadas, que aconselha os reis, que os morigera, que parte a pregar em Albi contra os cátaros. Elegem-no arcebispo de Reims e ele recusa: mantém-se monge. Conduz os monges brancos à conquista da Igreja e do século<sup>11</sup>.*

Já David Knowles, monge beneditino inglês, especialista em monaquismo na Inglaterra, considerava que Bernardo era *um da pequena categoria de grandes homens no mais alto grau, cujos dons e oportunidades foram exatamente harmonizados. Como líder, como escritor, como pregador e como santo, seu magnetismo pessoal e sua força espiritual eram importantes e irresistíveis. Homens vinham de todos os rincões da Europa para Clairvaux e eram enviados de novo por todo o continente... Por quarenta anos, Citeaux-Clairvaux foi o centro espiritual da Europa, e outrora São Bernardo teve entre seus ex-monges o papa<sup>12</sup>, o arcebispo de York e muitos cardeais e bispos<sup>13</sup>.*

Jean Chélini, outro medievalista francês, anota que Bernardo *foi o maior cérebro dos cistercienses, que pode ser considerado como seu mestre espiritual; suas origens familiares e sua formação, seus apoios e suas relações, sua personalidade, explicam em grande parte o sucesso cisterciense<sup>14</sup>.*

A verdade é que, independentemente das diversas nuances que os historiadores dão a Bernardo, não restam dúvidas de que influenciou religiosa e politicamente a Ordem, pois toda sua vida foi guiada para a defesa da mesma e de seus ideais de reformar a Igreja e o próprio homem, pois, por causa de seu livre-arbítrio, segundo ele, o homem tem a oportunidade de escolher livremente pecar ou seguir o caminho que leva à união com Deus. Pelo amor de Deus, é possível que os laços dele cheguem ao cume da vida mística, superando qualquer possibilidade de pecar.

Bernardo faleceu em 20 de agosto de 1153 no mosteiro de Clairvaux. Foi sepultado na igreja do mosteiro, mas teve suas relíquias dispersadas durante a Revolução Francesa. Depois, sua cabeça foi entregue para ser guardada na catedral de Troyes, na França.

### **Cistercienses e templários**

No ano de 1119, à sombra das ruínas do Templo de Salomão, em Jerusalém, Hugue de Payns fundou, junto com mais oito cavaleiros, a chamada Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, fazendo votos de pobreza, castidade e obediência perante o patriarca da Igreja do Santo Sepulcro. A Ordem

<sup>11</sup> *O tempo das catedrais*, p. 122.

<sup>12</sup> Foram papas com origem na Ordem de Cister: Eugênio III – 1145 a 1153 (seu nome era Bernardo de Paganelli e fora discípulo de Bernardo de Clairvaux); Lúcio III – 1181 a 1185; Celestino IV – 1241 (apenas 17 dias no papado); Gregório X – 1271 a 1276; Bento XII – 1334 a 1342.

<sup>13</sup> Citado por Armand Veilleux, in: [www.ecclesia.org.br](http://www.ecclesia.org.br).

<sup>14</sup> *Histoire religieuse de l'Occident médiéval*, p. 365.

passaria por diversas denominações até chegar à de Ordem do Templo. Em 1129 a Ordem foi descrita por Payns, que encareceu a Bernardo a interseção junto ao papa pedindo-lhe a confirmação apostólica, além do que esperava dele a redação de uma Regra de Vida para os Templários. Bernardo aceitou ambas as incumbências, mas rejeitou a ideia de se tornar ele mesmo um templário, pois entendia, conforme apontado pelo historiador Piers Paul Read, que *as necessidades lá são cavaleiros que combatam, e não monges que cantem e se lamentem*<sup>15</sup>.

Bernardo redigiu *De laude novae militiae ad milites Templi* (Em louvor da nova ordem da cavalaria) apoiando a Ordem do Templo. Essa Regra seria apresentada por ele mesmo no Concílio de Troyes: o apoio dado por Bernardo, que aos 28 anos era líder da Ordem Cisterciense, foi decisivo para o reconhecimento da Ordem do Templo naquele Concílio pelo Papa Honório II. A partir dali os cavaleiros passaram a usar um hábito branco, mas sem a cruz que seria posteriormente acrescentada pelo Papa Eugênio III, como símbolo do martírio cristão. O objetivo inicial básico dos templários era proteger e guardar as rotas que levavam os peregrinos à Terra Santa.

Foi na figura da Virgem Maria que Bernardo inspirou-se para compor as regras dessa nova Ordem - a do Templo -, onde os cavaleiros brandiram suas armas contra os inimigos do cristianismo e seus apelos para uma nova cruzada não foram em vão. Georges Duby vai mais além e descobre o sentimento de Bernardo: *No mesmo espírito, esforçava-se por inclinar para os caminhos do misticismo os sentimentos desde há pouco desabrochados que as canções de amor e os romances celebravam na linguagem cortês*<sup>16</sup>.

Segundo o historiador, esse viés de Bernardo não foi em vão, pois *sob seu impulso, uma parte lírica cavalheiresca caminhou para uma conversão de que os encantamentos florestais da Demanda do Santo Graal marcaram depois de 1200 o êxito e de que Chrétien de Troyes dera já testemunho alguns anos antes: enquanto os seus primeiros heróis praticam ainda uma religião ritual, Percival encarna um cristianismo de orações, de adoração, de amor de Deus salvador, um cristianismo de penitência, e a sua virtude maior é a pureza*<sup>17</sup>.

Assim, a influência cisterciense nas regras dos templários é clara, ainda que Bernardo temesse que, sem a salvaguarda do enclausuramento monástico, os cavaleiros do Templo resvasassem de volta para os hábitos mundanos.

No Concílio de 1128 o papa deu a Bernardo o título de “Protetor” da Ordem dos Templários e é quase certo que ele tenha sido o real Grão-Mestre, embora secretamente, uma vez que seus votos missionários pertenciam aos ideais cistercienses.

<sup>15</sup> *Os templários*, p. 110.

<sup>16</sup> Obra citada, p. 128.

<sup>17</sup> *Idem*.

### As abadias

*Que a alma procure a luz seguindo a luz*, dizia Bernardo de Clairvaux para justificar a austeridade na construção dos templos cistercienses, submetendo-se o edifício à discrição prescrita nas regras de São Bento. É a partir desse entendimento que Georges Duby acrescenta que os mosteiros cistercienses não têm *nenhuma tensão vertical, nenhum orgulho, um equilíbrio de acordo com a medida do universo. Do mesmo modo que nas atitudes intelectuais, Cister, na sua concepção das massas arquiteturais e das relações que as unem, prolonga a tradição beneditina. As suas igrejas são atarracadas como todas as igrejas românicas do Sul da Gália*<sup>18</sup>.

As abadias cistercienses geralmente ficam isoladas das cidades, caracterizadas pela racionalidade na articulação dos espaços e despojamento de elementos decorativos. Para Pierre Pierrard, *a ordem impõe um estilo arquitetônico bem típico, caracterizado por uma pungente austeridade. São igrejas simples, mas fortes, bem proporcionadas. Em boa hora, os monges arquitetos adotaram a ogiva, cuja difusão na Europa parece poder ser-lhes parcialmente atribuída*<sup>19</sup>.



**O interior da capela do Mosteiro de Claraval**

A planta padrão responde às exigências de funcionalidade e economia de espaço e de movimento, abolindo o supérfluo. A planta articula a vida e as obrigações distintas de monges, noviços e convertidos. Usam-se soluções locais

<sup>18</sup> Idem, p. 126.

<sup>19</sup> Obra citada, p. 105

com materiais disponíveis e tradições culturais existentes.

A igreja situa-se no ponto mais alto do terreno e adapta-se à retangularidade global da composição com apenas uma nave e um amplo transepto. No braço sul uma escada comunica com o dormitório. Não possui uma fachada monumental nem torres acentuando a massa exterior. Há uma simplificação da tipologia e exibição da própria arquitetura; a decoração centra-se nos capitéis. As naves laterais surgem quase que à mesma altura da central.

O refeitório articula-se com o claustro; a cozinha divide o refeitório dos monges e o dos conversos. Cozinha e refeitório voltam-se para o curso de água (geralmente uma fonte no centro do terreno).

No lado Oeste alinham-se a sala do Capítulo e a sala comunitária. O dormitório ocupa longitudinalmente todo o piso superior. O complexo do edifício é retangular, marcado por contrafortes.



**O claustro de Claraval (MG)**

Georges Duby, fazendo um estudo profundo da arquitetura medieval, anota que *a arte do século XI traduz a esperança dos homens. O artista vai buscar a sua inspiração às formas naturais. Procura encontrar equivalências para as claridades entrevistas nas contemplações místicas*<sup>20</sup>.

Estudiosos de arquitetura são quase unânimes em afirmar que as abadias cistercienses são reguladas, na geometria, pelas proporções das partes, determinadas pelos elementos construtivos que pendem os movimentos das

<sup>20</sup> Obra citada, p. 89.

massas em uma dança rítmica e harmônica.

Para Bernardo de Clairvaux, a arte cisterciense não poderia admitir o fausto. A arte do claustro e da igreja que o ladeia é feita em primeiro lugar de despojamento. Bernardo recusa todo adorno. É ainda Georges Duby quem nos dá mostras do pensamento de Bernardo, mostrando que o mesmo condenava o fausto demonstrado em Saint-Denis (cluniacenses): *Sem falar da imensa altura dos vossos oratórios, da sua desmedida extensão, da sua largura excessiva, das suas suntuosas decorações e das pinturas que excitam a curiosidade, cujo efeito é desviar para elas a atenção dos fiéis e diminuir o recolhimento, que recordam de alguma maneira os ritos dos judeus – porque quero acreditar que em tudo isto se propõe a glória de Deus – contentar-me-ei, dirigindo-me a religiosos como eu, com falar-lhes a mesma linguagem que um pagão fazia ouvir a pagãos como ele. Para que serve, oh pontífice, este ouro no santuário?*<sup>21</sup>

Significativa marca dos cistercienses é o Capítulo, que vem a ser a reunião diária da comunidade onde o abade, ou outro por ele encarregado, lê e comenta um capítulo da Regra de São Bento; se necessário há informações e distribuição dos trabalhos, exame dos problemas mais importantes, espirituais e materiais, da comunidade e, em casos excepcionais, a acusação pública das faltas na vida monástica. Esta era geralmente espontânea, mas nos casos de erros evidentes se podia acusar um irmão por qualquer falta. Às acusações se seguiam as penitências dadas pelo abade, que, de modo geral, consistiam em gestos de humilhação, jejum parcial ou total e, em casos mais graves, deposição de um cargo ou punição corporal, dadas no local<sup>22</sup>.

Em síntese, podemos dizer que tudo, na vida concreta do monge, é ordenado àquela que São Bento chamava de “busca de Deus”, incluindo-se aí o trabalho, que é visto pelos monges como um outro modo de entrar em relação com Deus, não só para a possibilidade de simples orações ou invocações durante o seu desenvolvimento, mas também porque entendido como participação na obra do Criador.

A função do mosteiro não consiste apenas em erguer para Deus o louvor público e permanente que lhe é devido, mas em preparar o conjunto dos homens para a ressurreição. *Os monges estão na vanguarda. Deixaram já o temporal e purificados pelas abstinências, percorreram metade do caminho. Toda a arte dos monges é como que aspirada pelo desejo de Deus, conforme anotado pelo professor Georges Duby*<sup>23</sup>.

Com a aplicação dos seus princípios espirituais, na construção dos mosteiros, os cistercienses imprimiram na arquitetura religiosa um caráter de força, de grandeza, de simplicidade que fortemente contribuiu para o nascimento da arte gótica a ponto de merecerem o epíteto de “missionários da arte gótica”.

<sup>21</sup> Idem, p. 125.

<sup>22</sup> [www.mosteirodeclaraval.org.br](http://www.mosteirodeclaraval.org.br)

<sup>23</sup> Obra citada, p. 89.

### **A Ordem de Cister no Brasil**

Atualmente, a Ordem Cisterciense é de fato constituída de duas ordens religiosas e várias congregações. A Ordem Cisterciense da Comum Observância conta com mais de 1.300 monges e 1.500 monjas, distribuídos em 62 e 64 mosteiros, respectivamente. Já a Ordem Cisterciense da Estrita Observância<sup>24</sup> compreende quase 3.000 monges e 1.875 monjas, distribuídos em 102 mosteiros masculinos e 72 mosteiros femininos, em todo o mundo. Estes últimos são comumente denominados de “trapistas”, pois a criação dessa Ordem resultou da reforma da Abadia da Trapa (em Soligny-la-Trappe, Baixa-Normandia, França), no século XVII.

Mesmo separadas, as duas Ordens têm ligações de amizade e relações de colaboração. Um dado interessante: embora sigam a regra beneditina, os monges cistercienses não são propriamente considerados beneditinos.

No Brasil, além do Mosteiro de Nossa Senhora do Divino Espírito Santo, de Claraval (MG), da Congregação de Casamari<sup>25</sup>, encontramos as seguintes abadias e mosteiros cistercienses:

Abadia Cisterciense Nossa Senhora Aparecida, em Campo Grande (MS), fundada em 1976 (feminino);

Abadia Cisterciense Nossa Senhora de Santa Cruz, em Santa Cruz de Monte Castelo (PR), fundada em 1973 (feminino);

Abadia de Nossa Senhora de Assunção de Hardehausen, em Itatinga (SP), fundada em 1951 (masculino);

Abadia de Nossa Senhora da Santa Cruz, em Itaporanga (SP), fundada em 1936 (masculino);

Abadia Nossa Senhora de Fátima, em Itararé (SP), fundada em 1953 (feminino);

Abadia Nossa Senhora de São Bernardo, em São José do Rio Pardo (SP), fundada em 1939 (masculino);

Abadia Nossa Senhora Mãe do Divino Pastor, em Jequitibá (BA), fundada

---

<sup>24</sup> Essa Ordem é monástica por instituição e destina-se inteiramente à contemplação. No recinto do mosteiro os monges dedicam-se ao culto divino, conforme a Regra de São Bento, oferecendo à Divina Majestade um louvor humilde e nobre ao mesmo tempo, na solidão e no silêncio, na oração frequente e na penitência alegre, cultivando a vida monástica do modo estabelecido nas presentes Constituições. (Constituições e Estatutos da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, 2009.)

<sup>25</sup> No município de Veroli fica a Abadia de Casamari. Foi construída sobre as ruínas da antiga cidade romana chamada Cereatae, dedicada à deusa Ceres. Casamari é nome de origem latina e significa “Casa do João”, casa do cônsul romano Gaius Marius, um líder famoso.

em 1939 (masculino);

Abadia Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo, em Campo do Tenente (PR), fundada em 1983 (masculino)<sup>26</sup>;

Mosteiro Cisterciense da Bem-Aventurada Virgem Maria Nossa Senhora da Ternura, em Formosa (GO), fundada em 2010 (masculino);

Mosteiro Cisterciense Nossa Senhora de Nazaré, em Rio Pardo (RS), fundado em 1998 (masculino);

Mosteiro Nossa Senhora da Boa Vista, em Rio Negrinho (SC), fundado em 2010 (feminino)<sup>27</sup>

### **O mosteiro de Claraval**

O município de Claraval situa-se no sudoeste de Minas Gerais e já nos fins do século XVIII suas terras eram habitadas, tendo a agricultura como atividade principal. Foi aproximadamente em 1864 que o garimpeiro João Tertuliano Pinto Bispo, ao atravessar a região, encontrou diamantes, dando início assim ao garimpo nas águas do Rio das Canoas. A notícia espalhou-se rapidamente e, dentro de pouco tempo, um grande número de aventureiros atraídos pela possibilidade de ganhos rápidos no garimpo ali se estabeleceu. Formou-se, assim, um pequeno núcleo às margens do Rio das Canoas, que tomou maior impulso quando, em 1885, foi feita uma doação de terras para o futuro patrimônio de Claraval, pelo fazendeiro José Garcia Lopes da Silva.

O vilarejo chamou-se inicialmente Garimpo das Canoas e, posteriormente, em virtude da construção de uma capela em louvor ao Divino Espírito Santo, denominou-se Divino Espírito Santo do Garimpo das Canoas.

Em 1923 passou a ser distrito de Ibiraci e elevado à categoria de município pela Lei nº 1.039, de 12 de dezembro de 1953, com a denominação de Claraval, numa homenagem a São Bernardo, Abade de Clairvaux, pelo fato de ter coincidido o ano de sua emancipação administrativa com os oitocentos anos da morte daquele santo.

A história da fundação do Mosteiro Cisterciense de Claraval confunde-se com a história da cidade. Iniciou-se quando o Bispo de Guaxupé, D. Hugo Bressane, visitava Roma e dirigiu-se ao Mosteiro de Casamari (Itália) onde expôs sua intenção de ter na sua diocese uma comunidade de religiosos daquela confissão, sugerindo como lugar de instalação a vila do Garimpo das Canoas. Entusiasmados com a proposta, em 1950 ali chegaram os primeiros monges

<sup>26</sup> São cistercienses da Estrita Observância.

<sup>27</sup> Congregação de Casamari.

cistercienses destinados a essa paróquia: o prior Pietro Agostini, padre Justino, padre Carmelo e irmão Nivardo.

Um dos primeiros problemas que os monges enfrentaram no Brasil foi, sem dúvida, o idioma, já que não falavam nada em português; o clima também foi outro problema, além da precariedade das instalações, da falta de saneamento básico, da falta de mão de obra especializada e de materiais de construção. Considerando que a vila era muito pobre, a mesma dependia de outras cidades para a aquisição de materiais e pessoal para a construção do mosteiro, lançando-se mão, então, de operários vindos, também, de Franca e de Ibiraci.



**A fachada principal do mosteiro de Claraval**

A pedra fundamental do mosteiro foi lançada em 1951 e no ano seguinte começaram os trabalhos de fundação. A parte do porão do mosteiro foi construída com pedras da própria elevação onde ele foi erigido, pedras de mais de três toneladas retiradas à mão, pois na época era difícil a aquisição de máquinas.

Os tijolos foram feitos no próprio local, *assim como todos os elementos decorativos. Não havia mão de obra especializada e os próprios paroquianos também ajudaram na construção dirigida por Francisco Miglioranza. De modo geral todas as dificuldades foram vencidas pelo ânimo dos monges e principalmente dos moradores locais*<sup>28</sup>.

Em março de 1969, o mosteiro seria inaugurado e já se encontrava em condições de receber e hospedar os primeiros jovens que desejavam seguir a vida monástica cisterciense.

<sup>28</sup> [www.mosteirodeclaraval.org.br](http://www.mosteirodeclaraval.org.br)

A vinda dos monges para a cidade ajudou muito no seu desenvolvimento. Em 1970, com a ajuda de irmãos da Alemanha os monges deram início a perfuração do poço artesiano e também a energia elétrica foi conseguida pelo pintor e monge D. Agostinho Caputi e por fim os monges construíram o prédio onde hoje funciona o hospital (ambulatório) da cidade<sup>29</sup>.

A Santa Sé, examinando as circunstâncias, as condições físicas e os recursos humanos disponíveis, nomeou, através do Papa Paulo VI, o primeiro abade para Claraval, D. Giuseppe Pietro Agostini, tendo como Prior o padre Carmelo Récchia. E em 30 de novembro de 1969 seria instalada solenemente a nova Abadia de Claraval.



*A fonte no centro do mosteiro*

Foram acolhidos no ano em que foi inaugurado o mosteiro vinte e três jovens, todos pertencendo a regiões próximas e com graus de conhecimento diferenciados. Surgiram várias dificuldades, principalmente em relação aos estudos que deveriam ser ministrados a esses jovens.

Organizou-se, então, o Seminário São Bernardo do Mosteiro de Claraval, sob a orientação de um monge vindo da Abadia de Casamari, para servir como primeiro Reitor daquele Instituto: em 9 de dezembro de 1972 chegou ao mosteiro, vindo da Itália, o padre Mauro Cavallo para formar os futuros candidatos à vida monástica.

Nesse ano, devido à precariedade da saúde de D. Giuseppe, Paulo VI nomeou o padre Carmelo Récchia como Administrador Apostólico, tendo D. Giuseppe partido para a Itália a fim de tratar-se, vindo a falecer no dia 4 de janeiro de 1973.

<sup>29</sup> Idem.

No dia 7 de dezembro de 1976, Padre Carmelo Récchia seria nomeado e em 25 de março de 1977 sagrado Abade<sup>30</sup>. Em 1999 renunciou e a Santa Sé nomeou D. Orani João Tempesta<sup>31</sup> como Administrador Apostólico e o padre Mauro Cavallo tornou-se Prior do Mosteiro. Em 2002 houve a extinção do título de Abadia Territorial.

No Mosteiro de Claraval o dia-a-dia é marcado por uma espiritualidade litúrgica, ou seja, pela celebração da Liturgia das Horas e da Eucaristia. Nesses momentos torna-se presente a obra redentora de Cristo. Assim, inicia-se a jornada com as “matinas” (vigílias), tempo notadamente marcado pela espera do Senhor. As leituras e os salmos que são entoados edificam o monge e, ao mesmo tempo, fortifica-o para o trabalho do dia que se inicia. Em seguida, após um intervalo dedicado em geral à oração mental e à *lectio* divina, celebram-se as “laudes” (oração da manhã), que comemora a Ressurreição e consagra as primícias do dia ao louvor do Senhor que continua ao longo da jornada.

Após as “laudes”, celebra-se a Eucaristia, o ponto alto do dia, fonte e cume de toda vida cristã e também ação de graças. Todavia o dia do monge é preenchido igualmente por diversos trabalhos: manuais (tradicional na vocação cisterciense), intelectuais ou pastorais. Há ainda momentos de oração pessoal, *lectio* divina e encontros fraternos da comunidade. Contudo, o trabalho, interrompido por pausas de oração litúrgica, é ele mesmo uma certa forma de oração, pois enquanto trabalha o monge busca estar presente a Deus e dirigir para Ele sua criatividade operosa. Nesse ritmo celebra-se na “terça” (início da manhã) a vinda do Espírito Santo e pede-se suas graças; na “sexta” (meio do dia) recorda-se o suplício de Jesus e o monge se associa à sua cruz com seus sofrimentos e na “noa” (meio da tarde) comemora-se a morte redentora de Jesus, cumprindo o que os apóstolos realizaram na mesma hora, subindo ao templo para orar<sup>32</sup>.

Enfim, no final da tarde, na oração chamada “vésperas” (oração da tarde), celebra-se com o coração agradecido o dia, a criação, a recapitulação de sua história em Cristo. O dia termina com a Oração da Noite ou “completas”. O Mosteiro Cisterciense de Claraval tem como premissa básica manter a tradição beneditina de acolhimento.

---

<sup>30</sup> D. Carmelo Récchia faleceu em 26 de agosto de 2015, aos 94 anos de idade.

<sup>31</sup> D. Orani Tempesta foi nomeado cardeal arcebispo do Rio de Janeiro em 27 de fevereiro de 2015, tendo tomado posse em 19 de abril do mesmo ano.

<sup>32</sup> Informações colhidas pelo autor diretamente no Mosteiro de Claraval.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADRIÃO, Vitor Manuel. *Portugal templário*. São Paulo: Madras, 2011.
- AUBERGER, Jean-Baptiste. Citeaux, les origines. *Dossiers d'Archeologie*. nº 229, dez.1997.
- CHÉLINI, Jean. *Histoire religieuse de l'Occident médiéval*. Paris: Colin, 1968.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS BRASILEIROS. *Catálogo da vida religiosa, monástica e contemplativa*. Brasília: CNBB, 2012.
- CONSTITUIÇÕES E ESTATUTOS da Ordem Cisterciense da Estrita Observância. Se, 2009.
- DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Saint Bernard, l'Art cistercien*. Champs: Flamarion, 1971.
- HAAGENSEN, Erling, LINCOLN, Henry. *A ilha secreta dos templários*. São Paulo: Madras, 2007.
- LIMA, Adelino de Figueiredo. *Os templários*. 3.ed. Rio de Janeiro: Spiker, 1958.
- PACAUT, Marcel. *Les moines blancs. Histoire de l'ordre de Citeaux*. Paris: Fayard, 1993.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- READ, Pier Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- SGARBOSSA, Mario, GIOVANNINI, Luigi. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- VEILLEUX, Armand. *As origens do monaquismo cristão*. Trad. Cecília Fridman (Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo), 1998. [www.ecclesia.org.br](http://www.ecclesia.org.br) <acesso em 23 de novembro de 2015>.
- [www.mosteirodeclaraval.org.br](http://www.mosteirodeclaraval.org.br) <acesso em 30 de setembro de 2015>.